

E por Falar em Adolescência...

Edmundo Leal de Freitas*

Quando um desequilíbrio do desenvolvimento se estabelece firmemente, num determinado nível, ele modificará o padrão do "organizador principal" subsequente, de acordo com a lei do desenvolvimento dependente.

René Spitz (1979 a)

... quando a consolidação do "organizador" fracassa, o desenvolvimento é interrompido. Os sistemas psíquicos que deveriam ter sido integrados através da interação com o ambiente permanecerão no nível inicial, menos diferenciado, de desenvolvimento anterior ao estabelecimento do "organizador".

René Spitz (1979 b)

Já esteve muito na moda, decaiu bastante e, agora, talvez retome o seu lugar de destaque indesejável com "KIDS"¹.

É isso mesmo, adolescência.

Sempre que entra (?) em voga surge usando uma vestimenta meio bizarra, de coloridos entre exóticos e insuportáveis, ganha foros de adolenchência e, nesse dissonante, sela-se o seu atributo essencial – encher. Mas, o que é mesmo encher? Será, por acaso, determinar o rompimento de algum equilíbrio instável?

Moças e moços andaram perdendo ibope. Meninos *de* (?) rua ficaram mais importantes porque mais incômodos. Principalmente por engancharem nossos sentimentos de culpa, que teimamos kleinianamente em negar, ou lacanicamente em deslocar (os significantes obturando os significados que são o que está ausente na parte sensível dos signos). Meninos capazes de ativar as nossas "defesas", provocando as nossas condolências ou as nossas crises de ira (que, no fundo, se revestem sempre de energia tanática) conforme o tipo de sensação que nos despertem *na* rua.

O que se vai tratar surgiu, e desse modo mesmo, de uma apresentação quase informal no XIII Congresso da ABENEPI², em Brasília.

RESUMO

Considerados o anacronismo e a recalitrância de muitos autores na adoção da "sexualidade" como problema central da adolescência e revisitados alguns conceitos de "personalidade", aponta-se a importância dos fenômenos circunjacentes aos processos de desidentificação/reidentificação no desfazimento do equilíbrio binário sexualidade/identidade. Apontam-se o conjunto de rupturas determinadas pela invasão das tecnologias às quais se imbricam as perdas, as falsas diretrizes e os valores inadequados ética e profissionalmente que vigem na atualidade. Enfatiza-se o momento caótico que atinge estamentos e culturas. Apontam-se os produtos da "cultura trash" e em paralelo aborda-se o filme "KIDS" como denúncia da desagregação dos núcleos de codificação normativa das sociedades e invocam-se os testemunhos das mensagens de alerta emitidas por autores como BAUDRILLARD, THOM, ATLAN, PRYGOGINE, MORIN, VALÉRY e LORENZ. Procura-se demonstrar que as denúncias contidas em "KIDS" espelham a realidade. Convidam-se os profissionais atuantes nas áreas da infância e da adolescência a iniciar o trabalho pela reciclagem dos valores enfrentando a Trilogia do Medo: Tempo, Identidade, Inserção e reconstruindo possibilidades para trajetórias seguras na adolescência.

UNITERMOS

Adolescência.

* Psiquiatra. Psicólogo Especialista em Psiquiatria Infantil - AMB/ABP/ABENEPI. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Aluno do Curso de Pós-Graduação - Doutorado. Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia. Membro Titular da Academia de Medicina da Bahia

¹ "KIDS" = filme cinematográfico norte-americano de Larry Clark, 1995.

² ABENEPI = Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil.

Ficar cuidando de “problemas sexuais da adolescência” é anacrônico.

Fugir da mesmice pode, até, ser sadio. Problemas sexuais não são “da adolescência”, desde Sigmund Freud. Diga-se mais, nunca o foram. Apenas pensava-se, ao modo bárbaro, que as crianças eram desprovidas da condição de humanos. Quem dirá, de sexualidade.

Os adultos, claro está, não têm problemas sexuais. Restringem-se a detectá-los e a interpretá-los. Ou a, delicadamente, atribuí-los aos adolescentes! Aí, surgem os “KIDS”.

Muito provavelmente, o viés vai permanecer na insistência em considerar a sexualidade como um problema específico, qualquer que seja a idade. Fica mais simples e mais simpático. A sexualidade não é problema específico. Compreenda-se. A sexualidade é função órgão/psíquica da personalidade, delicadamente definida em termos de energia libidinal que faz uma viagem desde a boca, passa pelo orifício anal e depois de, sadicamente, explorar esse inquilinato, instala-se definitivamente na genitália. Na infância, sem revestimento de objeto, e na adolescência, na etapa final, com revestimento. Resulta, caso não haja acidentes de percurso, a “pessoa” (!), “adulta”, “normal”. O que acontece desliza por meandros tautológicos, por isso indecifráveis, e imita de certa forma os mistérios deste parágrafo onde já se escreveram (por suposto impunemente) os vocábulos sexualidade, personalidade, libidinal, boca, anal, sadicamente, genitália, pessoa e, grande susto, “adulta” e “normal”. Infelizmente e para espanto, isso tudo anda meio junto.

Diz-se que para simplificar é preciso atomizar. Assim seja.

Talvez valha a pena atualizar as avaliações utilizando ferramentas neutras.

Sexualidade é atributo da pessoa. Pessoa implica personalidade. Personalidade, identidade. E a identidade é idiossincrásica. É unívoca. Nem veste “um outro” nem aceita dessemelhanças “em si”. É a raiz, o tronco, a copa.

Alguns conceitos, revisitados, se integram e interconectam:

- iguais como humanos, únicos na sua maneira peculiar de ajuste ao ambiente (ALLPORT, 1965);
- o sentido do “eu” e da “identidade” estão relacionados – o sentido da igualdade faz parte da corrente, e o da individualidade é a configuração única do “eu” (LICHTENSTEIN, 1961);
- a identidade refere-se à representação de objetos externos que foram “colocados” no interior do ego e formam um elemento permanente da personalidade global. O processo de identificação é gradativo e introjetivo, diferente da imitação,

que é exterior à estrutura do ego e transitório (MODELL, 1973).

Conceder primazia à problemática sexual nos adolescentes é incorrer no hábito arcaico de centralizar (catatimicamente) na sexualidade as turbulências da adolescência. Pode já ter sido assim em outras épocas. Já se conviveu com circunstâncias mais favoráveis ao desenvolvimento humano, e quando outras categorias de inserção eram melhor assimiladas, as oscilações mais severas podiam ser diretamente imputadas às brotações hormonais, aos seus súbitos altos tores, e às proibições sociais para utilizar-se deles. Proibições que já não existem mais. Sabe-se, muito bem, que já não existem mais.

À ruptura crítica do equilíbrio binário sexualidade/identidade soma-se, muito além do conveniente, a ditadura da eletrônica, modificando memórias e robotizando procedimentos.

Partículas cada vez mais bem domadas (por alguns pouquíssimos) transformam-se em memória de fixação (grave-se), de retenção (arquite-se), de evocação (comande-se o acesso ao arquivo) e em linguagem manifesta (edite-se e imprima-se).

De outra parte, cortem-se panos, bordem-se roupas, construam-se máquinas, façam-se refrigeradores e montem-se automóveis. Tudo automaticamente, roboticamente, destruindo o mercado de trabalho, exigindo especializações humanas cada vez mais limitantes, e reproduzindo o desemprego geometricamente.

Gerem-se novas memórias pós-modernas e distorçam-se as memórias anteriores.

Interfira-se para que novos processos de elaboração ideativo-afetiva transcorram quase sempre eletronicamente, como se faz com as memórias de agora. Implique-se, depois, à sexualidade dos adolescentes o epicentro dos seus problemas.

O problema central, ainda que os outros possam manifestar-se com energia frenética, permanece: será, enquanto houver adolescência, a crise de identidade. É preciso valorizá-la adequadamente para que, entendida, venha a participar com o destaque que lhe pertence, da constelação que se arquiteta no horizonte adolescente.

A criança vai perdendo identidade à medida que viaja por estirões/repleções/estirões/repleções/estirões, deformando as auto/hetero percepções no estatuto da identidade corporal.

A identidade confiável, estabelecida na infância, consciente, evanesce na perda dos contornos do corpo, na imagem e na configuração visível e, mais do que isso, no esquema corporal anteriormente registrado.

O ego é, sabe-se, “primeiro e acima de tudo, um ego corporal, não simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção da superfície” (Freud, 1946, p. 40). “Origina-se na superfície do corpo, através

das sensações táteis, que assim representam as superfícies do aparelho mental” (idem, *ibidem*).

Parece claro que a partir do processo de “perda (dissolução) da identidade”, configura-se algum tipo de sentimento que poderia ser chamado, sem exagero, de fronteiro. A partir daí, com a cisão e todas as perdas, tal como em pessoas descritas por DEUTSCH (1942), os adolescentes, por muitas vezes, comportam-se “como se” estivessem sentindo reações emocionais adequadas. Na realidade estão “representando”, sem autenticidade e sem profundidade, sem o sentimento adequado do “eu”, adotando o partido de parecerem alguém que não são. Como o descreveu WINNICOTT (1965): baseando-se no arremedo e submissão, no “faz de conta” ao imitar o ambiente ou de, explosivamente, intempestivamente, atuar denunciando o seu exato nível de labilidade estrutural.

Na dissolução da identidade o “locus minor resistentiae”. Presidida, hoje, pelo caótico da dissolução social.

Tem-se insistido (é o que se depreende da vasta literatura) em ficar martelando as desadaptações dos adolescentes nas áreas social, cognitiva, de inserção ou de vinculação ao mercado de trabalho, de especulações filosóficas (notadamente as atinentes à ética, à espiritualidade ou à prospecção do futuro). Essas áreas, construídas a partir de vetores notoriamente ideativos (leia-se “aspectos cognoscitivos”), não ignoram fortíssimos componentes emocionais, seja dos adolescentes, seja de quem os pretende avaliar.

Martelam-se, também, distorções na adesão e

pertinência aos grupos (comunitários e familiares), surgindo, ao mesmo tempo, a compulsão da “escolha do par” ou da “cara metade” (resolução dos problemas da sexualidade no melhor estilo pequeno-burguês) [leia-se “resolução de problemas afetivos ou emocionais”, seja ainda desta vez, da parte dos adolescentes, ou da parte de quem os pretende avaliar]. Arrolem-se depois todos esses fenômenos, construtos, títulos e hipérboles, quer emocionais, quer cognitivos, construindo uma coletânea falso-convicente.

Já se ventilou a metáfora de que as manifestações “pseudopatológicas” da adolescência são o casulo criado para proteger a pessoa das mutações que se desenrolam e das agressões do mundo externo. A metáfora já teria ou terá funcionado.

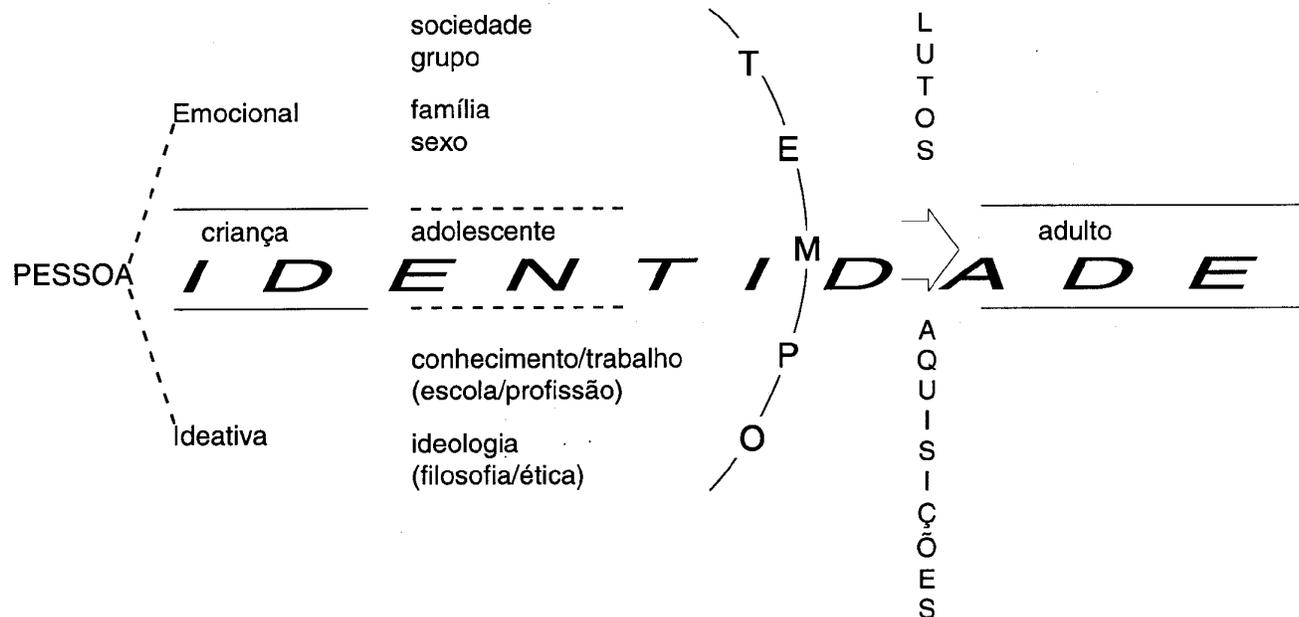
– Renasce a dúvida – não há casulo, por melhor defendido que esteja, solto no espaço: os casulos estão sempre ligados por um pedículo a alguma coisa. Onde está esse pedículo nesse momento histórico?

Analizando a realidade, talvez pertença a nós, profissionais, a primazia de trabalhar em nossas mentes e em nossos afetos, neste instante convulso e revolucionado, a Trilogia do Medo: Tempo – Identidade – Inserção. Trilogia que hoje desenvolve a sua coreografia com o corpo de baile do caos.

Pretende-se ignorar a construção do caos.

Vejam uma proposta gráfica bem comportada que não pretende plagiar Lúcio Costa nem impor a marca de Brasília. É uma alabarda.

Aí está:



No eixo principal transita a pessoa enquanto criança, adolescente e adulto. Cortada pelas asas do tempo transforma-se, padece lutos e os elabora, promove ou desenvolve aquisições. Transporta nos eixos secundários processos emocionais (pólo emocional da personalidade) e ideativos (pólo cognitivo). Neles se incluem a escolha, na sociedade geral, dos grupos de inserção, as vivências familiares e o evoluir da sexualidade e, de outra parte, com outros coloridos predominantemente cognitivos, a construção do conhecimento (trabalho implícito) com vistas à escola e à profissão e à ideologia como visão do mundo, princípios normativos e valores, inclusive a prática política e o exercício da cidadania.

Onde?

Quais os valores?

Quais as ordens de grandeza?

Quais os instrumentos de mensuração?

Teima-se em ignorar as transformações, vorazes, tal como se apresentam: o culto ao lixo – “cultura trash” – não escapa aos olhos e às orelhas. Não é preciso esforço. Já foi matéria de capa em VEJA³. Pode-se ler “... o quente é curtir filmes vagabundos, ouvir música cretina, ingerir comida ruim... Na lixocultura é de bom tom falar mal da ecologia, dos que malham o corpo, dos politicamente corretos”. Os heróis “trash” são Debi & Lóide, Mamonas Assassinas, Stay Puff, Zé do Caixão e outros. Dispensam-se os comentários. Porém o “lixo cultural” não é exclusivo da adolescência. Os “nerd”, dos anos 70, eram adolescentes. Hoje em dia pode-se ler: “Na época atual todo mundo é nerd e é para os nerds que fazemos nossa revista” (“Herói” - Editora Acme, São Paulo).

“KIDS”, o filme do espanto, não por acaso, foi fabricado por um fotógrafo especializado em chocar. LARRY CLARK foi combatente no Vietnã, publicou “Tulsa” (fotografias de 1963 a 1971 sobre a “cultura teen” e as drogas no Oklahoma) e “Teenage Lust” (“Desejo Adolescente” - fotografado de 1971 até 1981 e editado em 1984). Embora seus produtos – “KIDS” ou seus livros fotográficos – sejam narrados na terceira pessoa, envolvem os espectadores e leitores, quando menos seja, na primeira do plural⁴.

Há, ingenuamente, pensamentos desejosos imaginando que o choque dispare um alerta: “É uma história acauteladora sobre sexo adolescente na era da AIDS” pretende AMY TAUBIN, da “Village Voice” (Folha de São Paulo, MAIS, 1 de outubro de 1995, p. 5). Não. Não é. “KIDS” é o relato da vida, exatamente como ela está. Encontrou um público numeroso e perplexo,

confundiou jornalistas, foi, seguidamente, matéria de periódicos do tope do “New York Times” ou da “Newsweek”. Em suma, desvendou uma realidade que vinha sendo negada pela sociedade americana (in the perfect american way of life) e pela nossa (de carolíssima provincianice). Atingiu de frente outras sociedades mal alinhavadas onde ainda se pensa, ingenuamente, que sedução psicopática, estupro, roubo, drogas/álcool em profusão, rosários ou pencas de palavrões e toda a sorte de “desvios” sociais são coisas da “marginalidade”. Lerdo engano. A corrida em direção a “status” determinou o abandono dos filhos à própria sorte e a desagregação dos núcleos de codificação normativa. Esgarçaram-se a família, os grupos sociais orientados, as comunidades, as confrarias, os núcleos religiosos. Recriou-se a roupagem do vale-tudo e quaisquer construções possíveis estão dilaceradas.

“KIDS” é, de novo, a história da roupa do rei.

O filme assusta e faz estremecer porque está gritando o tempo todo que o rei está nu.

A matéria de CONTARDO CALLIGARIS (idem, ibidem, p. 4) ilumina bem: “A felicidade que obtêm é deserta, sem cultura, ou seja, sem aspirações, pensamentos, projetos, complexidade”. Como sempre, os “Kids” interpretam (atrás das linhas) o desejo dos pais (atrás do que eles declaram). A adesão dos adultos aos valores sociais de massa edifica os ideais que orientam o descabro dos “Kids”.

Como quer IVAN CLÁUDIO, “o périplo desembestado dos adolescentes de ‘Kids’ (...) mostra com inteligência e sensibilidade incomuns o vazio a que se reduziu o cotidiano da juventude americana. Trata-se de um retrato de época implacável... “Kids” faz um corte profundo na crise de valores da sociedade contemporânea. Os meninos e as meninas, na maioria pertencentes à classe média baixa, roubam mercadorias, pulam catracas do metrô, transam sem preservativos, se drogam a toda hora e brigam por qualquer coisa... É como se tivessem incorporado inocentemente toda a perversão que enxergam em volta”⁵.

Resta entender e esperar.

Que o processo de transformações definidas pela diáde desidentificação/reidentificação possa retomar a seu curso no tempo. Com lutos e aquisições.

A geração chamada “órfã” não é a dos “KIDS” ou a que já vem chegando aqui. A orfandade é mais antiga.

Não adianta insistir na defesa pela ocultação da verdade ou pela ignorância dos esgarçamentos que se evidenciam no trabeculado social.

³ Tempo de porcaria. VEJA, São Paulo, n. 1410, p. 102-108, set. 1995.

⁴ Vale a pena ler o caderno 5, MAIS, da Folha de São Paulo, 1 de outubro de 1995, especialmente dedicado “à juventude como ela está”.

⁵ IVAN CLÁUDIO. Geração Órfã. ISTO É, São Paulo, n. 1359, p. 103, out., 1995.

Todos os processos de modernização explodem na barragem estrutural. São os conhecimentos rarefeitos, é a baixa escolarização, é a reprodução do conhecimento para uma parcela insignificante que detém, “*ipso facto*”, o poder econômico. Sejam esses poucos os componentes de povos melhor aquinhoados com a educação, sejam esses poucos os estamentos de algumas sociedades menos dissociadas na sua composição.

De longe, é apontada “A Transparência do Mal” por JEAN BAUDRILLARD (1990), que completa o seu generoso convite à reflexão com “A sombra das maiorias silenciosas - o fim do social e o surgimento das massas” (idem, 1993).

Há grupos de estudo se debruçando sobre a “implosão dos significados, dos sentidos, das validades a longo prazo do saber”. (NTC, 1995, p. 8).

Estudam-se e se arrolam os pensamentos dos sábios do presente. Assim está indicado nas entrevistas editadas por PESSIS-PASTERNAK (1993). O trabalho de JEAN BAUDRILLARD nas sendas da física vai além das redes de comunicação e informação. Reproduz a fermentação das incertezas que germinam a partir das “manifestações imprevisíveis e inextrincáveis que emergem do tecido social” (BAUDRILLARD, 1993). O momento remete a ponderações obrigatórias sobre a “teoria das catástrofes” de RENÉ THOM (1983). Este, embora discorde, em parte, da Teoria das Estruturas Dissipativas de ILYA PRYGOINE (Prêmio Nobel, Química, 1977), aceita o determinismo na criação da ordem pela desordem (a desordem organizadora).

O que se percebe na “Geração KIDS”, na “Idade dos Seqüestros”, na “Ordem do Crime Organizado” é a semente da desordem social cumulativa e a montagem do poder paralelo dentro da estrutura do Poder e, na colheita, os atentados de todo tipo: gases, tiros, cartas-bomba, carros-bomba, racismos, fundamentalismos, fanatismos religiosos e religioso-mercadorológicos.

Atente-se: a desestruturação dos estamentos transcende regiões, países e até mesmo culturas.

Parece que não há por onde insistir, hoje, na visão de uma adolescência comprometida com problemas principalmente vinculados à evolução do processo de inserção sócio-cultural (onde se implicam todos os demais) e na longa passagem da etapa infantil para a etapa adulta. As resultantes das oscilações nas alterações da identidade (cf. OSÓRIO, 1995, p. 63) e amplamente descritas desde ERIKSON (1976, p. 49) atualmente ocorrem nos desvãos de uma sociedade caótica. E é em torno desse caos que se deve proceder às reflexões e propor novos paradigmas.

A negação, insólita e recalcitrante negação do caos (veja-se a surpresa detonada por “KIDS”), consiste em adotar as defesas sistemáticas que atendem a estas

circunstâncias incorporando o comportamento que nega, sempre induzido pelo medo, e cegar-se diante da realidade, até que se comece a gritar com insistente veemência:

– O rei está nu.

Restam esperanças.

Pode-se proceder à avaliação crítica da teoria da complexidade, do acaso organizador, da auto-organização dos seres vivos de ATLAN (1991). Nela se unem a racionalidade científica e a sabedoria espiritual sem confusão de gêneros, níveis e vocabulários; pode-se, de outra parte, pesquisar o cerne da subjetividade que não exclui a razão, porém constitui uma das suas partes mais importantes. Na concomitância entender e assimilar as concepções de complexidade enunciadas por EDGAR MORIN a partir do “tetragrama”: ordem/desordem/interação/organização.

Parece, de fato, que vale expulsar a ingenuidade e a preguiça e procurar mais fundo. “Tudo o que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico” (MORIN, in: PESSIS-PASTERNAK, 1993, p. 86).

PAUL VALÉRY pretendia que duas calamidades ameaçavam o mundo: a ordem e a desordem.

A ordem absoluta conduz à opressão da imutabilidade – é o nirvana, mortal. Assim também o entende LORENZ: “Um sistema fechado cujos processos são totalmente previsíveis, como, por exemplo, o esboçado por Nietzsche em sua doutrina do eterno retorno, constitui o mais aterrorizante de todos os terrores; pois um sistema fechado é, por definição, um sistema sem vida” (1986, p. 220). A desordem de que desfrutamos traz agora a imperiosa necessidade de dialogar com os mistérios do mundo. Buscar o que MORIN denomina “o discurso da busca do método”: a procura dos princípios que permitam deduzir o método. “KIDS” está implantado.

Sepulta a recém-falecida adolescência que bem ou mal acabava por adaptar-se aos modelos de sociedades que lhes ofertavam referenciais com algum tipo de coerência.

“KIDS” sepulta de vez, e é bom que o faça, a nudez dos mantos falsos e a nudez dos mantos de arminho. Sepulta de vez a dupla mensagem de bondade e honradez pareada à da ambição e do gozo, à adoração do próprio umbigo, à vacuidade da parafernália de objetos que não são do saber nem do conhecimento.

“KIDS” está aí para contar que todos os nossos adolescentes, de algum modo, se desnorteiam, que perdem a inocência e não dá para inventar uma outra, nem agir de qualquer modo, narcisicamente, sem refletir nem planejar.

A idéia inicial era a de falar sobre adolescência. Mas falando em adolescência vai-se deslizando sobre tudo o

que a envolve, no que é preciso fornecer para a inserção desse casulo e no que permita aos adolescentes vislumbrar para onde ir.

E talvez por falar em adolescência, consolide-se a convicção de que não dá para continuar como se está, há muito tempo urdindo no paradoxo a construção do caos.

SUMMARY

The author discusses the main problems of adolescence based on the movie "Kids", and on authors such as Baudrillard, Thom, Atlan, Prygogine, Morin, Valéry and Lorenz. He tries to demonstrate that the denunciations presented by "Kids" express the reality.

KEY WORDS

Adolescence.

Bibliografia

1. ALLPORT, G.W. - *Psicología de la personalidad*. 2. ed., Buenos Aires: Paidós, 1965.
2. ATLAN, H. - *Les théories de la complexité*. FOUQUELMAN, F. (org.) *Autour de l'oeuvre de Henri Atlan*. Paris: Le Seuil, 1991.
3. BAUDRILLARD, J. - *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 1990.
4. BAUDRILLARD, J. - *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
5. DEUTSCH, H. - *Some forms of emotional disturbances and their relationship to schizophrenia. Neuroses and character types*. New York: International Universities Press, 1960, p.262-281.
6. ERIKSON, E.H. - *Identidade. Juventude. Crise*. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
7. FREUD, S. - *O Ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.XIX, p. 32-41, 1976.
8. LICHTENSTEIN, H. - *Identity and sexuality: a study of their relationship*. *J. Amer. Psychoanal. Assoc.*, 9: p. 179-260.
9. LORENZ, K. - *A demolição do homem. Crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
10. MODELL, A.H. - *Amor objetal e realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
11. NTC [Centro de Estudos em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura] - *Atrator Estranho*. Campinas/SP, UEC/USP, n. 15, jul., 1995.
12. OSÓRIO, L.C. - *O enigma da esfinge. O ponto de vista evolutivo em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
13. PESSIS-PASTERNAK, G. - *Do caos à Inteligência artificial. Entrevistas com Guitta Pessis-Pasternak*. São Paulo: UNESP, 1992.
14. SPITZ, R.A. - *A formação do Ego: Uma teoria genética e de campo*. São Paulo: Martins Fontes, 1979a.
15. SPITZ, R.A. - *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1979b.
16. THOM, R. - *Paraboles et Catastrophes*. Paris: Gallimard, 1983.
17. WINNICOTT, D.W. - *Ego distortion in terms of true and false self. The maturation process and the facilitating environment*. New York: International Universities Press, 1960, p. 140-162.